

EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE

Roberto Rodrigues*

A educação é tema recorrente em conversas de qualquer brasileiro medianamente informado, e sempre se conclui que o país não fez sua lição de casa quanto a ele, o que explicaria grande parte do nosso baixo crescimento. Também é frequente a comparação entre nosso progresso e o observado em países que investiram bastante em educação, e fica claro o quanto ficamos para trás.

A própria produtividade do trabalho no Brasil é baixa em função desse fato, de modo que nada é mais consensual do que a necessidade de investir em educação. O pior é a certeza de que precisamos fazer muito mais do que fizemos, e mesmo que o façamos imediatamente com bastante vigor, os resultados demorarão mais ou menos uma geração para serem sentidos por todos.

Atualmente, cerca de 83% dos nossos jovens não vão para o Ensino Superior, e há uma correlação entre esta estatística e a violência. Segundo o Atlas da Violência publicado pelo IPEA em 5 de junho passado, "a morte violenta intencional de jovens entre 15 e 29 anos aumentou 38% no período (entre 2007 e 2017). Em 2017 representou 54% do total dos homicídios"... Outro alerta evidente: o desemprego chega a 30% entre os jovens até 24 anos, sendo que, mesmo com o desaquecimento da economia global, e média planetária nessa faixa de idade é de 13%, bem menos da metade da nossa...

Ora, se apenas 17% dos nossos jovens chegam à Universidade, o que estamos fazendo por todos os demais? Entre os países membros da OCDE, 44% dos que não vão ao ensino superior se conectam com o mundo do trabalho via ensino médio, através do Ensino Profissional e Tecnológico, e no Brasil este número está em trágicos 9%! Aqui está um ponto para reflexão.

O governo já se preocupou com isso: no final de 2018 foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que enfatizou esta questão, podendo melhorar mais rapidamente o nosso desempenho profissional num futuro próximo: a Educação Técnica em larga escala. Na prática, a nova Lei abre uma porta de entrada para jovens num momento crítico de suas vidas, acenando para a prosperidade deles e de suas famílias. A partir de 2020, todas as escolas deverão oferecer opções para o Ensino Médio, em 5 macro-campos, chamados de "itinerários formativos". Quatro deles são acadêmicos, e um é de Educação Técnica.

De fato, faltam técnicos de nível médio. Na agricultura, temos excelentes engenheiros agrônomos, médicos veterinários, engenheiros florestais, zootecnistas, mas faltam, por exemplo, agrimensores. Nas cidades dá-se o mesmo: temos engenheiros, arquitetos, mas faltam técnicos em hidráulica, em eletricidade, em automação e em segurança. A economia real anseia por esses profissionais e, em muitos casos, a remuneração deles é maior do que a dos de nível superior. E tem um pormenor: técnicos com essa formação estão conectados com as realidades regionais e territoriais, podem promover mudanças simples que resolvam demandas não solucionadas até então.

A ONG Todos pela Educação avalia que 95% de estudantes secundaristas querem conhecer a Educação Técnica.

Mãos à obra: temos que montar uma política educacional para o ensino profissional e tecnológico. Ele é emancipador para os jovens e altamente progressista para o país.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**